



**PEÕES E CONTRATADOS:
VIOLAÇÕES DA LIBERDADE NA POESIA DE PEDRO CASALDÁLIGA E
AGOSTINHO NETO**

Edson Flávio SANTOS (UNEMAT)¹

Resumo: A presente pesquisa, propõe-se a realizar um estudo sobre parte da produção poética de Pedro Casaldáliga, em Mato Grosso Brasil, e Agostinho Neto, em Angola /África. Estabelecemos uma aproximação da poesia dos poetas acima para observar a presença das temáticas relativas as relações de poder e privações de liberdade. A literatura produzida pelos poetas funcionará como arma de denúncia contra o regime capitalista e opressor. As hipóteses apresentadas foram postas no intuito de verificar como os autores valeram-se de seus ofícios de poetas e intelectuais na luta pelos direitos do homem que sofre as mazelas de uma sociedade capitalista e exploradora. Para a análise, utilizou-se os estudos críticos de CANDIDO (1982), estudos da relação entre utopia, engajamento e práxis literária de ABDALA JR. (2003); estudos críticos comparados sobre a literatura angolana de LARANJEIRA (2005; 2014); RUIVO (2015) e PADILHA (2007); estudos acerca das relações do homem no contexto de exploração e opressão MARX (2010)

Palavras-chave: Angola. Araguaia. Crítica poética. Literatura Comparada. Liberdade.

Abstract: The present research aims to study the poetic production of Pedro Casaldáliga in Mato Grosso Brazil and Agostinho Neto in Angola / Africa. We establish an approximation of the poetry of the poets above to observe the presence of the themes related to the relations of power and deprivations of freedom. The literature produced by the poets will act as a weapon of denunciation against the capitalist and oppressive regime. The hypotheses presented were put in order to verify how the authors used their offices as poets and intellectuals in the fight for the rights of the man who suffers the ills of a capitalist and exploitative Society. For the analysis, we used the critical studies of CANDIDO (1982), studies of the relationship between utopia, engagement and literary praxis of ABDALA JR. (2003); comparative critical studies on the Angolan literature of LARANJEIRA (2010; 2014); RUIVO (2015) and PADILHA (2007); studies on human relations in the context of exploitation and oppression MARX (2010)

Keywords: Angola. Araguaia. Poetic criticism. Comparative literature. Freedom.

1 Considerações iniciais

Ainda que em tempos e países distintos, esses traços comuns na poesia desses autores de Língua Portuguesa, de acordo com Benjamin Abdala Jr. (2003) irão possibilitar que se estabeleça uma rede de solidariedade entre as duas nações. Uma rede fraterna que é sustentada não só pelos textos produzidos pelos autores em questão, mas de sobremaneira pela atuação séria e comprometida dos mesmos como cidadãos participantes ativos dessa sociedade que deseja mudança.

2 Ninguém nos fará calar

¹ Doutor em Estudos Literários/UNEMAT/Cáceres, Brasil, edsonflaviomt@gmail.com



Desta feita, tem-se que a poesia que emana dos versos de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto parece ser carregada por uma força interna que busca revelar o éden que não se encontrou ainda, aliviando, através da arte as carências das mazelas do presente dos membros da sociedade em que estão inseridas as suas obras.

Essa marca poética apresenta-se na maioria dos textos desses poetas, como no poema de Agostinho Neto, “Quitandeira”

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

-Laranja, minha senhora
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

-Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância de espírito
este botão de rosa
que não abriu
princípio impelido ainda para um início.

-Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças
como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças



e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comunidade de senhores ricos
a alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestésiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordeei para viver.
Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
-Compre laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da vida
o meu preço é único:
-sangue.

Talvez vendo-me
eu me possua.

-Compre laranjas! (NETO, 2016, p. 38-39).

A “Quitandeira” pode representar uma vida de quem foi prostituída e violentada, até mesmo roubada de sua infância e também de seus sonhos. Nos versos se expõe a cortante realidade verossímil angolana.

O arranjo sonoro do poema é marcadamente oral. Agostinho Neto fazia parte do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola – MNIA – que* foi uma organização cultural nacionalista, de Angola e que em suas produções se portavam como “ a voz dos naturais de Angola” e valorizavam os elementos da oralidade, danças e gestos da cultura angolana que encontraram lugar favorável na poesia.

A opção pela poesia não foi ao acaso, segundo Patrick Chabal



A poesia era o meio reivindicativo mais apropriado porque tinha a plasticidade suficiente para abarcar uma forma de expressão que subvertia o discurso colonial legitimador, e porque ligava a forma extremamente poderosa o “eu” poético com a reapropriação coletiva do “nós” africano por parte dos africanos. Por outras palavras, a poesia – em parte porque estava mais próxima da literatura oral do que a prosa – permitiu ao colonizado expressar a sua rejeição da assimilação e construir os alicerces culturais da nova nacionalidade” (*apud* LARANJEIRA, ROCHA, 2014, p. 68).

A população angolana contava com grande número de analfabetos, porém que possuíam uma cultura marcadamente oral com suas histórias e seus cantos cheios de ritmo que vieram a se tornar o material ideal para a construção de uma poesia de inquestionável valor estético e histórico. As poesias eram decoradas, lidas em reuniões, musicadas, outras transformadas em hinos de combate.

Deste modo não é possível entender a poesia angolana sem ter presente a oralidade e os gestos que, de certa forma, irão servir não só de amparo estrutural para os versos, mas, muitas vezes, como tema. Ao trazer para dentro dos poemas, essa oralidade e essa temática cultural angolana irão funcionar como uma forma de resistência cultural dos militantes do movimento.

Por essa razão, concorda-se com Padilha quando afirma que “O produtor textual tem plena consciência de que é preciso resgatar a tradição da oralidade, fonte emanadora da consciência de que é preciso gestualizar o texto, griotizá-lo, para que ele possa gritar a alteridade de sua voz” (2007, p. 26).

A quitanda serve de disfarce para a prostituição, é ali em meio as frutas que “vende-se”. Quais as situações que levaram essa mulher de uma certa idade talvez, já teve filhos... será que teve marido? Ou é resultado da violência que diversas mulheres angolanas sofreram durante o domínio português? Será que foi talvez a falta de emprego; ou migração para os grandes centros urbanos; ou a dificuldade na manutenção dos filhos que a empurraram para essa vida? Certamente as condições de privação que essa mulher vive, mesmo recorrendo à economia informal, são as mesmas que assolam não só outras mulheres mundo afora, como também as crianças, como no poema de Pedro Casaldáliga (2006, p. 53) onde, não menos cortante vocifera os de “Picolezeiro”:

Com seus dez anos, sabido
como dez livros completos,
no isopor, a tiracolo
leva sua vida a preço.



Picolezeiro,
por um sorriso
dou-te um cruzeiro.

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

Picolezeiro,
o teu sorriso
vale um cruzeiro?

Passam os ônibus, passam
por suas mãos os dinheiros.
Descalço de pés e sonhos,
só ele é passageiro.

Picolezeiro,
só valeis isso,
tu e companheiros?

Picolés de milho verde
e uma espiga de protesto:
não te vendas mais em trocos,
tira o tiracolo em tempo! (CASALDÁLIGA, 2006, p. 53).

Neste poema há reconhecemos sinais de uma sociedade marcada pelas feridas do capitalismo selvagem: a exploração e desigualdade social, o desemprego, a miséria, o trabalho escravo e, uma das mais preocupantes, a utilização da mão de obra infantil. Sem simplificações, “Quitandeira” e “Picolezeiro”, como representação de um povo, ainda que desejosos de mudança, ambos não tem nome, não tem infância e a eles, não se vislumbra um futuro promissor.

Pedro Casaldália e Agostinho Neto, por conta de suas opções ideológicas, possuem uma verve que aponta para a teoria de Marx sobre a alienação do trabalho, e que conduz, nos poemas, a compreensão de que para o homem “Alugar o seu trabalho é começar a sua escravidão” (MARX, 2010, p. 54) Como vê-se em nos versos de “Peão do Trecho”, de Pedro Casaldália e “Contratados”, de Agostinho Neto.

Peão do Trecho
Peão,
pião,
não está,
não é,
madeira de sorte
na roda da Morte,



girando à mercê
da mão empreiteira,
da farra matreira,
da louca peixeira...

Pião à mercê,
que não está,
que não é,
... e quase já era! (CASALDÁLIGA, 2003, p. 62).

Figuram no poema de Pedro Casaldália as definições que o próprio autor já descreveu em sua Carta Pastoral – *Uma igreja contra o latifúndio ...* (1971) onde ele diz acerca dos peões:

aliciados fora, são transportados em avião, barco ou pau-de-arara para o local da derrubada. Ao chegar, a maioria recebe a comunicação de que terão que pagar os gastos de viagem, inclusive transporte. E já de início têm que fazer suprimento de alimentos e ferramentas nos armazéns da fazenda, a preços muito elevados. [...]

Para os peões não há moradia. Logo que chegam, são levados para a mata, para a zona da derrubada onde tem que construir, como puderem, um barracão para se agasalhar, tendo que providenciar sua própria alimentação. As condições de trabalho são as mais precárias possíveis. [...]

O peão depois de suportar este tipo de tratamento, perde sua personalidade. Vive, sem sentir que está em condições infra-humana. Peão já ganhou conotação depreciativa por parte do povo das vilas, como sendo pessoa sem direito e sem responsabilidade. Os fazendeiros mesmo consideram o peão como raça inferior, como o único dever de servir a eles, os “desbravadores”. Nada fazem pela promoção humana dessa gente. O peão não tem direito à terra, à cultura, à assistência, à família, a nada. É incrível a resignação, a apatia e paciência destes homens, que só se explica pelo fatalismo sedimentado através de gerações de brasileiros sem pátria, dessas massas de deserdados de semi-escravos que se sucederam desde as Capitânicas-Hereditárias” (CASALDÁLIGA, 1971, p. 26-28).

O poema, que pode ser amparado pelo trecho da Carta Pastoral, evidencia o *Peão* que como *pião*, não tem lugar para ficar, vive rodando como brinquedo de criança, solto, sem rumo, sem nunca para por isso *não está*. Mão-de-obra barata para as Agropecuárias, o peão é aquele trabalhador que não consegue se estabelecer como alguém da região porque na verdade *não é*. O sistema de trabalho ao qual é submetido é comparado a *roda da Morte* onde o peão gira à *mercê* da própria sorte. Sem direito a nada, sua vida agora quem comanda é o fazendeiro da *mão empreiteira*. Fugir dessa situação, é o único caminho, mas há de ter cuidado com a *louca peixeira*.



Uma situação parecida na história de Angola relaciona-se a figura dos “contratados”.
Segundo Ruivo

o governo português criava novas medidas para submeter a população africana ao seu domínio. Em 1906, por exemplo, foi criado o Imposto do Trabalho, que exigia um pagamento muito alto por parte dos camponeses ao Estado português. Como inúmeros deles não conseguiam pagar, o governo colonial instituiu seu pagamento mediante trabalhos forçados “temporários”, os chamados “contratos”, que subjugavam a população (2015, p. 229).

A maioria desses trabalhadores eram oriundos das aldeias, exilados ou aqueles que se deslocaram durante processos migratórios. Estes homens e, algumas vezes, mulheres, crianças e pessoas de idade eram recrutados de forma violenta e intimidadora. Todos aqueles que não possuíam emprego entravam para o regime de contrato, o que incluía quase toda população masculina das colônias. Embora o fim da escravidão em Angola tenha sido decretado em 1867, estes trabalhadores viviam, praticamente, em regime de escravidão, os portugueses não ofereciam tratamento humano aos “contratados”, cometendo os mais vergonhosos ultrajes. Diante do regime a que eram submetidos a única via de se libertar era fugindo dos postos de trabalho, geralmente longe de sua família, como expresso no poema abaixo

Contratados

Longa fila de carregadores
domina a estrada
com os passos rápidos
Sobre o dorso
levam pesadas cargas

Vão
olhares longínquos
corações medrosos
braços fortes
sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam

Fatigados
esgotados de trabalhos
mas cantam



Cheios de injustiças
calados no imo das suas almas
e cantam

Com gritos de protesto
mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam

Lá vão
perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!
eles cantam... (NETO, 2016, p. 51).

Essa dura face da história angolana passa a povoar a literatura do país como “símbolo da exploração colonial, da resistência do africano e da necessidade de independência” (RUIVO, 2015, p 229). O poema de Agostinho Neto é um exemplar da denúncia em relação as condições a que eram submetidos os “novos escravos”: “Sobre o dorso / levam pesadas cargas, corações medrosos, Largos meses os separam dos seus, Fatigados / esgotados de trabalhos e Cheios de injustiças”.

Essa atuação na defesa dos valores e direitos dos seres humanos, operada muitas vezes na denúncia das situações de privação de uma parcela da população irá funcionar de certo modo como um *leitmotiv* da poesia de ambos e que não ferirá o valor literário de cada uma delas.

3 Considerações finais

As obras já ditas anteriormente, considerando todo o valor estético das mesmas, são frutos, antes de tudo, da experiência revolucionária de cada autor, ou da “situação-gênese” da obra, utilizando termo cunhado pelo crítico Emil Staiger na obra *Conceitos e Fundamentos da Poética*, de onde, ainda se tratando da criação poética, extraímos a seguinte citação:

Dizem que uma poesia é bela, e pensam apenas na sensação, palavras e versos. Ninguém pensa, entretanto, que a verdadeira força e valor de uma poesia está na situação, em seus motivos. A partir daí fazem-se milhares de poesias em que o motivo é nulo e que simulam uma espécie de existência, simplesmente através de sensações e versos sonoros (STAIGER, 1997, p. 25).



Para Staiger (1997), não é apenas o componente estético que imprime beleza à poesia, mas, principalmente, na força que a provocou e que ela carrega dentro de si. A poesia existe por que houve um desejo, ela não é obra do acaso ou da mera elaboração estética.

Pesquisas já realizadas irão demonstrar que tanto Agostinho Neto quanto Pedro Casaldáliga estão ao largo de preocuparem-se apenas com valores unicamente estéticos.

Para Pires Laranjeira, “Não se pode idealizar um qualquer cânone literário angolano que expulse a obra de Neto de um lugar primacial em nome de valores esteticizantes: ela constitui um novo paradigma negro-africano, que obriga a reler toda a poesia, redefinindo o lugar dos outros” (2005, p. 133). A afirmação de Laranjeira aponta uma crítica para alguns estudiosos que não considerem a poesia do autor angolano um exemplar canônico de representação estética, mas ressalta que é inegável sua contribuição para constituição literária da nação.

Da mesma forma, encontra-se na obra *Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação* a seguinte afirmação: “o poeta se recusa à produção de versos que nucleiam os próprios procedimentos, aqueles cujo fazer consiste na exploração de aspectos formais” (SOUZA & REIS, 2014, p. 47) e segue dizendo que o autor possui “devida preocupação formal” e que não abre mão da inventividade e uso criativo dos recursos estéticos a fim de “valorizar a função poética da linguagem, sem, no entanto, abrir mão de seus valores humanos e transcendentais” (SOUZA & REIS, 2014, p. 48). Isto faz de Casaldáliga, à semelhança de Agostinho Neto, poeta comprometido antes de tudo com os seus semelhantes numa crítica real do presente.

Essa crítica “real” é a base da obra dos dois autores, pois suas obras funcionam, no dizer de Antonio Candido (1982, p. 256), como “um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto não mascaram a realidade, denunciam e anunciam um novo tempo cheio de esperança: a libertação e a independência para um povo onde o *Picolezeiro*, a *Quitandeira*, o *Peão* e o *Contratado* não precisem ser explorados ao ponto de perderem suas vidas ou consciência daquilo que são.

Referências



ABDALA JR. Benjamin **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CASALDÁLIGA, Pedro. **A igreja da Amazônia contra o latifúndio e a opressão social**. São Félix do Araguaia, 1971.

_____. **Cantigas menores**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

_____. **Versos adversos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LARANJEIRA, Pires. Novo paradigma negro-africano. In. BARRADAS, Acácio (org.). **Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas**. Lisboa/Luanda, AAA, 2005, p. 129-135.

_____. & ROCHA, Ana T. **A noção do ser**. Luanda: Fundação Agostinho Neto, 2014.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

NETO, Agostinho. **Obra Poética Completa**. Luanda: Fundação Dr. Antonio Agostinho Neto, 2016.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

RUIVO, Marina. **Geração Armada: Literatura e Resistência em Angola e no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2015.

SANTOS, Edson Flávio. **ESPERANÇA E LIBERTAÇÃO: interfaces de uma utopia na/pela poesia de Agostinho Neto e Pedro Casaldáliga**. 2018, 184 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – PPGEL/Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.

SOUZA, Marinete Luzia Francisca de; REIS, Célia Maria Domingues dos. **Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação**. Cuiabá: EduFMT, 2014.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.